

MARIA INÊS CARNIATO

A RELIGIÃO NO MUNDO

6^º ANO
PROFESSOR

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA



Ensino Religioso

Componente curricular do Ensino Fundamental

A escola é espaço de pesquisa, construção de conhecimento, apropriação do legado cultural da humanidade e reflexão sobre a vida atual, em vista da educação integral e cidadã.

O Ensino Religioso, componente curricular do Ensino Fundamental, afirma-se nas Ciências da Religião, uma nova área acadêmica adotada em universidades do mundo inteiro, nos últimos 100 anos.

As Ciências da Religião têm por objetivo o estudo sistemático da religião, ou seja, das expressões culturais da religiosidade humana, em todas as suas dimensões, formas, conteúdos, práticas, significações. Por isso, a sua estrutura é multidisciplinar. Diferentes disciplinas, como Sociologia, Antropologia, História, Geografia, Filosofia, Psicologia, dentre outras, auxiliam na abordagem e compreensão desse fenômeno universal, presente nas diferentes culturas, desde os primórdios da humanidade.

O objeto de estudo da disciplina Ensino Religioso é o Fenômeno Religioso, isto é, os sinais e as expressões da religiosidade humana na cultura e na sociedade. Edgar Morin, professor da Universidade de Paris, no livro *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*, escrito a pedido da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), sobre os paradigmas da educação para o Terceiro Milênio, assim diz: “O saber científico sobre o qual este texto se apoia para situar a condição humana não só é provisório, mas também desemboca em profundos mistérios referentes ao Universo, à Vida, ao nascimento do ser humano. Aqui, intervêm opções filosóficas e crenças religiosas através de culturas e civilizações” (p. 13).

O Ensino Religioso como parte da educação cidadã, visa desenvolver as duas dimensões propostas pelo professor Morin: por um lado, o saber que resulta do rigor científico e, por outro, a humanização e a superação de preconceitos e rivalidades derivados da ignorância ante a diversidade de gênero, cultura, religião ou etnia.

EXIGÊNCIA CULTURAL DA SOCIEDADE

A UNESCO há muitos anos incentiva os povos a uma convivência internacional justificada pelos Direitos Fundamentais do Ser Humano, dentre os quais o direito de crença e de culto.

Diz a *Convenção Relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino*, de 1960: “A educação deve visar ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e ao fortalecimento do respeito aos direitos humanos e das liberdades fundamentais, o que deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou

religiosos, assim como o desenvolvimento das atividades nas Nações Unidas para a manutenção da paz. Deve ser respeitada a liberdade dos pais ou, quando for o caso, dos tutores legais de assegurar, conforme as modalidades de aplicações próprias da legislação de cada Estado, a educação religiosa e moral dos filhos, de acordo com suas próprias convicções; outrossim, nenhuma pessoa ou nenhum grupo poderá ser obrigado a receber instrução religiosa incompatível com suas convicções” (art. 5º).

A *Declaração sobre a Raça e os Preconceitos Raciais*, de 1978, diz: “A identidade de origem não afeta de modo algum a faculdade que possuem os seres humanos de viver diferentemente, nem as diferenças fundadas na diversidade das culturas, do meio ambiente e da história, nem o direito de conservar a identidade cultural” (art. 1º).

A *Declaração sobre a Diversidade Cultural*, de 2001, confirma em sua introdução: “A UNESCO, reafirmando sua adesão à plena realização dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamadas pela *Declaração Universal dos Direitos Humanos*; [...] Reafirmando que a cultura deve ser considerada como o conjunto de traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de convivência, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. [...] Aspirando a uma maior solidariedade baseada no reconhecimento da diversidade cultural, na conscientização da unidade do Gênero Humano e no desenvolvimento de intercâmbios culturais, proclama: [...] A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória” (art. 3º).

A *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, de 2003, acrescenta: “O patrimônio cultural imaterial [...] manifesta-se em particular nos seguintes campos: tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; expressões artísticas; práticas sociais, rituais e atos festivos; conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; técnicas artesanais tradicionais. Entende-se por ‘salvaguarda’ as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não formal – e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos (arts. 2º e 3º).

Acesso aos textos integrais da UNESCO: <www.brasilia.unesco.org/publicacoes/docinternacionais/doccultura>.

DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

O Estado brasileiro, por meio da Secretaria Especial de Direitos Humanos, vem pondo em prática os compromissos assumidos como Estado membro da UNESCO.

A *Constituição Federal* de 1988 assim diz: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (art. 5º, inciso VI).

A Cartilha *Diversidade Religiosa e Direitos Humanos*, de 2005, complementa: “O Estado brasileiro é laico. Isso significa que ele não deve ter, e não tem religião. Tem, sim, o dever de garantir a liberdade religiosa [...] um dos direitos fundamentais da humanidade, como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos. [...] A pluralidade, construída por várias raças, culturas, religiões, permite que todos sejam iguais, cada um com suas diferenças. É o que faz do Brasil, Brasil. Certamente, deveríamos, pela diversidade de nossa origem, pela convivência entre os diferentes, servir de exemplo para o mundo” (Apresentação).

Acesso à Cartilha: <www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencialedh/arquivos/cartilhadiversidadedereligiosaportugues.pdf>.

O ENSINO RELIGIOSO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

A *Constituição Federal* de 1988 assim define o Ensino Religioso: “Serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. § 1º – O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental” (cf. art. 110).

O art. 33 da *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* de 1996, redigido pela segunda vez pela Lei n. 9475, em 1997, esclarece: “O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”.

A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, na Resolução n. 7, de 14 de dezembro de 2010, ao fixar as *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*, afirma:

“Art. 14. O currículo da base nacional comum do Ensino Fundamental deve abranger, obrigatoriamente, conforme o art. 26 da Lei n. 9.394/96, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso.

Art. 15. Os componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental serão assim organizados em relação às áreas de conhecimento:

I – Linguagens: a) Língua Portuguesa; b) Língua Materna, para populações indígenas; c) Língua Estrangeira moderna; d) Arte; e) Educação Física; II – Matemática; III – Ciências da Natureza; IV – Ciências Humanas: a) História; b) Geografia; V – Ensino Religioso.

Art. 21. No projeto político-pedagógico do Ensino Fundamental e no regimento escolar, o aluno, centro do planejamento curricular, será considerado como sujeito que atribui sentidos à natureza e à sociedade nas práticas sociais que vivencia, produzindo cultura e construindo sua identidade pessoal e social.

Parágrafo único. Como sujeito de direitos, o aluno tomará parte ativa na discussão e na implementação das normas que regem as formas de relacionamento na escola, fornecerá indicações relevantes a respeito do que deve ser trabalhado no currículo e será incentivado a participar das organizações estudantis.

Art. 22. O trabalho educativo no Ensino Fundamental deve empenhar-se na promoção de uma cultura escolar acolhedora e respeitosa, que reconheça e valorize as experiências dos alunos atendendo as suas diferenças e necessidades específicas, de modo a contribuir para efetivar a inclusão escolar e o direito de todos à educação.”

CONTEÚDOS DO ENSINO RELIGIOSO

No âmbito das matrizes histórico-culturais brasileiras, o objeto de estudo do Ensino Religioso é o Fenômeno Religioso enquanto Patrimônio Imaterial do povo brasileiro.

De forma pedagógica, pode-se organizar a diversidade de informações e de possíveis abordagens do conteúdo em cinco eixos temáticos, partindo-se do visível, isto é, do conhecimento ao qual os estudantes têm acesso fora da escola, por meio da cultura, da comunicação, da observação do meio ambiente ou da experiência familiar:

- **Ritos, festas, locais sagrados, símbolos** – centros religiosos, templos, igrejas, sinagogas, mesquitas, terreiros, casas de reza; cerimônias, oferendas, cultos, liturgias, rituais etc.
- **Tradições religiosas** – indígenas, africanas e afro-brasileiras, Judaísmo, Xintoísmo, Hinduísmo, Budismo, Islamismo, Fé Bahá'í, Protestantismo, Catolicismo, Pentecostalismo, novos movimentos religiosos ecléticos e sincréticos, religião cigana e outras.
- **Teologias das tradições religiosas** – diferentes nomes e atributos do ser transcendente, diferenças e semelhanças doutrinárias entre as tradições religiosas; mitos de origem; crenças na imortalidade: ancestralidade, reencarnação, ressurreição.
- **Textos sagrados** – orais: mitos e cosmovisões das tradições indígenas, ciganas, africanas; escritos: livros sagrados das antigas civilizações e das tradições religiosas atuais.
- **Ethos dos povos e das culturas** – costumes e valores dos povos e de suas religiões.

TRATAMENTO PEDAGÓGICO DO ENSINO RELIGIOSO

O Ensino Religioso é essencialmente interdisciplinar. Requer atividades interativas que proporcionem não só pesquisa rigorosa, reelaboração de dados, produção de formas literárias e artísticas do conhecimento adquirido e reflexão, como também experiências significativas na educação integral, pois nenhuma disciplina como o Ensino Religioso lida com as questões humanas universais.

Estas, por sua vez, refletidas e dialogadas, podem iluminar questões particulares e coletivas e se transformar em construção da sabedoria de vida, que leva à cidadania e ao protagonismo na humanização e na transformação da sociedade.

Atividades sugeridas neste livro

O livro terá sugestões de atividades para cada aula. Algumas podem ser estendidas por duas ou três aulas consecutivas, conforme o desempenho e o interesse da turma. Outras podem dar origem a projetos de duração maior. Este é o motivo de haver apenas 18 aulas para serem desenvolvidas ao longo do ano.

De modo geral, cada aula terá uma ou mais sugestões de atividade de reflexão e construção de conhecimento a partir dos textos do próprio livro.

O item *Grande Lance*, que aparece no fim de cada aula, é sempre opcional. Além dele, há outras sugestões de atividades opcionais, que podem ser aplicadas a qualquer aula em momentos oportunos, conforme o interesse da turma.

Debate em classe – Adaptada à idade dos alunos/alunas, favorece os exercícios de reflexão, clareza na expressão oral e escuta atenta. Leva a experimentar a eficácia da concentração e da organização de ideias, desenvolve a autoconfiança e favorece o respeito à diversidade de opiniões.

Diálogo em grupo – Com orientações claras sobre o objeto de diálogo e a finalidade do trabalho em grupo, esta é uma atividade que educa para a concentração na tarefa objetiva a ser feita, o controle e o bom aproveitamento do tempo, o diálogo interpessoal, a circularidade de lideranças, a objetividade em preparar resultados claros para serem apresentados à classe, o respeito às diferenças e a descoberta da riqueza de um trabalho que agrega diferentes pontos de vista de um mesmo objeto.

Mutirão de ideias – Favorece a expressão dos próprios posicionamentos e evidencia ideias originais e inovadoras a respeito de problemas e soluções.

Por caracterizar-se pela falta de reflexão prévia, as ideias devem ser anotadas no quadro, para que não se percam e posteriormente possam ser ordenadas e refletidas. Durante a atividade é desfavorável selecionar ou usar juízo de valor sobre o que for dito. A multiplicidade de ideias demonstra a diversidade e serve de ponto de partida para posteriores exercícios de pesquisa, argumentação e esclarecimento.

Debate – Requer dois grupos que defendam objetivamente ideias opostas. Exercita a atividade de pesquisa prévia e documentação da ideia que será defendida.

Desenvolve as habilidades de falar em público, ordenar a apresentação de fatos e ideias, representar um pensamento coletivo, distribuir partes do trabalho para diversas pessoas, aguardar a própria vez de fazer uma intervenção, respeitar a opinião contrária, tratar o adversário como igual e, se possível, procurar uma solução intermediária para a questão, de modo que os dois lados tenham seus argumentos valorizados. Se isto não for possível, refletir acerca da aceitação de perdas e da vitória não triunfalista.

Questionário – Aplicado de forma adequada, ajuda o estudante a ordenar objetivamente as informações já conhecidas e a identificar a resposta objetiva para cada questão. As questões subjetivas favorecem a elaboração escrita do próprio pensamento. Pode ser um ótimo exercício de preparação para um posterior debate.

Linguagem da mídia – Estimula o estudante a produzir e expressar seu conhecimento por meio de linguagens não convencionais na escola, mas presentes em seu cotidiano, como os programas de rádio e TV, textos de jornal, produções musicais e outras.

A atividade valoriza a linguagem apreciada pelos alunos/alunas e presta-se para expressões originais e prazerosas.

Projetos – Os alunos, acompanhados e orientados nas escolhas de temas e objetivos, planejam atividades, organizam o tempo disponível, providenciam os materiais necessários, assumem e executam tarefas pessoais e coletivas, avaliam e redirecionam os passos do projeto, envolvem a comunidade escolar e do entorno da escola, até a obtenção do objetivo proposto. É uma atividade altamente educativa, pois exercita todos os âmbitos da participação em sociedade.

Exploração do ambiente local – Prevê saídas da escola e observação dos recursos locais referentes ao objeto de estudo da atividade.

Visitantes – Convidar pessoas que venham dialogar com a turma sobre determinado tema ligado ao conteúdo do Ensino Religioso.

Pesquisas de campo – Gravar conversas de pessoas, sons, vozes, ruídos... que estejam documentando determinada situação. Trazer fotos de fatos ocorridos ou de pessoas em situações especiais e relacionar essas realidades com os conteúdos que estão sendo estudados.

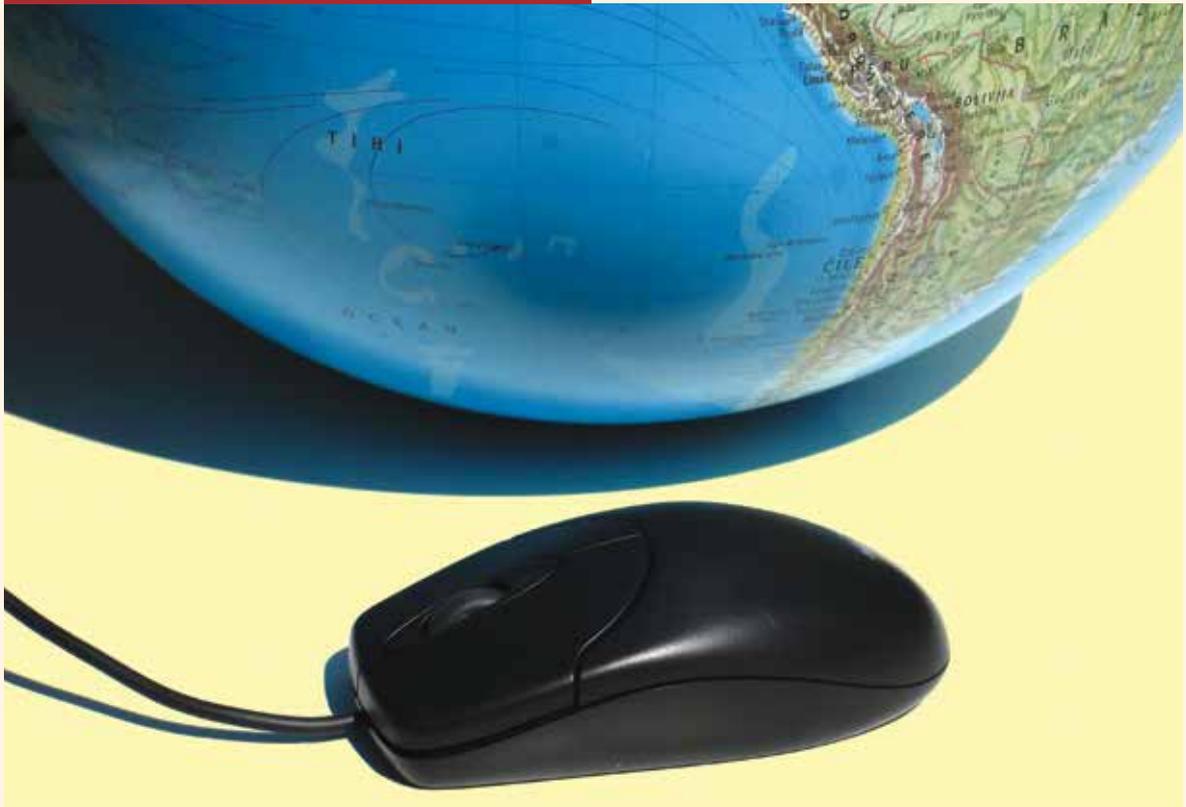
Pesquisa histórica – Pesquisar a história de uma comunidade, de um centro religioso, de um local sagrado ou personagem religioso e escrevê-la em forma descritiva, em quadrinhos, em poema, com ilustrações ou em outro gênero.

Artistas – Pesquisar fotos e gravuras de símbolos e objetos sagrados das tradições religiosas, reproduzi-los nos materiais mais adequados, identificá-los e montar uma mostra cultural-religiosa.

Linguagem popular – Pesquisar palavras características da linguagem religiosa da região. Montar com elas um discurso, uma canção, um poema de cordel, uma peça de teatro, uma história ou outro gênero de expressão popular.

Observar o Fenômeno Religioso na cultura da comunicação – Ler reportagens ou histórias em quadrinhos, ouvir músicas, assistir a filmes e programas na televisão ou no rádio. Anotar tudo o que se refere ao Fenômeno Religioso e debater na sala de aula.

UNIDADE 1



Internautas do invisível

Objetivo Observar no mundo os sinais que mostram a busca humana de compreender o transcendente.

1.1. 6º ano, o sonho se realiza

OBJETIVO

Constatar que o ser humano é impulsionado para superar limites do presente e sonhar com algo melhor no futuro.

MATERIAL

Publicidades e embalagens em que apareçam logotipos e marcas de empresas, instituições ou produtos. Retalhos de cartolina ou papel colorido, material para desenho, colagem e pintura; um pequeno retângulo de cartolina para cada aluno/aluna e uma folha de cartolina ou papel pardo fixada ao mural da sala.

CONSTRUÍMOS NOSSO SONHO!

Parabéns! Valeu o esforço! Quantas vezes você sonhou chegar ao 6º ano!

Você, como cada um dos amigos e amigas, é importante na turma. Mas as pessoas são diferentes entre si. Por isso é preciso conhecê-las, aprender a conviver com as suas diferenças, pois elas nos enriquecem, nos desafiam, nos fazem crescer, e assim aprende-



mos a respeitar o modo de ser do outro e a fazer novas amizades.

Pedir à turma que lembre marcas e logotipos de produtos, empresas e instituições. Expor as embalagens ou publicidades.

Promover um diálogo sobre: “O objetivo de uma marca ou logotipo” (mostrar as qualidades do produto, torná-lo conhecido).

Disponibilizar o material de arte para que os alunos/alunas façam o logotipo com o próprio nome, sobrenome ou letras iniciais.

Com os logotipos prontos, sugerir que pensem em silêncio: “Qual é o meu sonho para o futuro?”. E escrevam o sonho em forma de *slogan*. Ex.: *Pedro, veterinário: cuidado e respeito aos animais*.

Em círculo, promover a apresentação dos logotipos e dos *slogans*.

Por fim, incentivar a criação do logotipo e do *slogan* da turma.

Na folha afixada ao mural, montar o painel da turma com o *slogan* e os logotipos.

ATIVIDADE

Escreva as iniciais de seu nome e crie uma sigla. Depois solte a imaginação: utilizando recorte, colagem, pintura ou desenho, faça seu logotipo. Enquanto você cria sua marca pessoal, pense: “Qual é o meu sonho para o futuro?”.

PARA CASA

Pesquisar o significado das palavras: *transcendência* e *transcendente*.

Representar o resultado da pesquisa por meio de: símbolo, imagem, desenho, colagem, música, poema ou outra expressão artística.

GRANDELANCE

Criar personagens e histórias em quadrinhos que representem fatos interessantes ou humorísticos ocorridos na sala de aula.

Só não vale ridicularizar alguém.

1.2. Somos internautas. Navegamos pelo mundo

OBJETIVO

Conhecer o significado das palavras *transcendência* e *transcendente*. Compreender que a humanidade crê em realidades que estão para além do nosso mundo físico, visível.

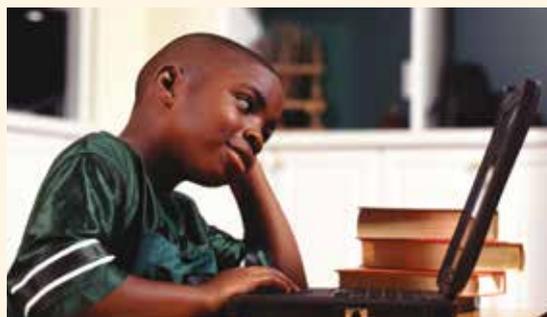
MATERIAL

Expressões artísticas que resultaram da pesquisa sobre as palavras *transcendência* e *transcendente*.

GENIAL NAVEGAÇÃO

Você sabia que os “nautas” já existiam muito antes da internet? Nauta significa navegador. As pessoas sempre quiseram saber o que existe além do horizonte e inventaram modos de chegar sempre mais longe.

Os antigos nautas navegaram no mar e descobriram terras desconhecidas. Nós somos internautas. Navegamos no ciberespaço aberto pela internet e podemos fazer milhões de descobertas sobre culturas, pessoas, lugares e costumes diferentes dos nossos. Para nós, o mundo é muito

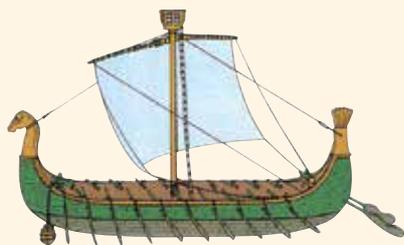


mais amplo e atraente do que foi para os nossos antepassados.

Mas, você já percebeu que as mensagens escritas, as imagens e o som que enviamos pela internet navegam no ciberespaço de modo invisível? Você não os vê por aí. Só pode captá-los por meio de equipamento adequado.

NAVEGAR É SUPERAR LIMITES

Há milhares de anos as antigas civilizações, como por exemplo os fenícios, construíram os primeiros barcos. Mais tarde, no Império Romano, os navios galeras carregados



Barco filisteu do século XII a.C.



Modelo de barco fenício do século VII a.C.



Caravela portuguesa do século XVI.

de mercadorias e de passageiros navegaram no mar Mediterrâneo em todas as direções.

Os marinheiros imaginavam que o mar fosse povoado por monstros e seres superpoderosos. Mas nunca deixaram de enfrentar e superar o medo para ir cada vez mais longe.

Durante a Idade Média, há pouco mais de 500 anos, os navegadores da Europa atravessaram os oceanos em caravelas, encontraram o continente americano e ficaram admirados ao ver que a Terra era muito maior do que imaginavam.

No século XX, os astronautas viajaram pelo sistema solar em suas poderosas naves espaciais. E agora, no século XXI, somos nós os conquistadores. Navegamos no espaço virtual e superamos todas as distâncias do planeta apenas com um movimento de nossa mão no comando do computador.

Mas somos diferentes dos nautas que nos precederam. Nossa navegação é real, porém é invisível.



Ônibus espacial em voo.

Promover a leitura dos textos *Genial navegação* e *Navegar é superar limites*.

Deixar que os alunos/alunas citem o que conhecem a respeito dos assuntos abordados.

A seguir, organizar grupos que reflitam sobre a questão abaixo e anotem as conclusões.

ATIVIDADE

Você pode reunir-se com seu grupo e conversar sobre a questão: Por que a navegação na internet ajuda a compreender o significado da palavra *transcendência*?

Promover a apresentação das conclusões dos grupos.

Confrontar o conceito de infinito com os limites humanos (de tempo e espaço: estando em um lugar não se pode estar em outro).

Confrontar os conceitos de transcendente e imanente (algumas realidades perceptíveis e palpáveis e outras que os sentidos não atingem: não se pode ver, ouvir ou tocar o ar, mas sua existência é inegável).

Após o diálogo, pedir aos alunos/alunas que apresentem as expressões artísticas que prepararam em casa, sobre os conceitos de transcendente e transcendência por eles pesquisados.

Elaborar conclusões a respeito da ação humana de compreender o transcendente.

PARA CASA

Você pode procurar objetos, frases, preces, gravuras, fotografias, quadros, livros, cânticos... que lembrem uma tradição religiosa.

Pode conversar com pessoas sobre o significado de tais objetos e anotar o que descobriu.

Não se esqueça de trazer o resultado do trabalho para a próxima aula.

GRANDELANCE

Criar seu diário de descobertas importantes.

Pode ser no computador ou em um caderno.

1.3. Locais sagrados, sinais do transcendente

OBJETIVO

Perceber na cultura e no meio ambiente sinais que revelam o desejo de superação de limites e a procura pelo transcendente. Constatar a diversidade religiosa por meio dos símbolos e objetos.

MATERIAL

Fotos e ilustrações de locais sagrados, sítios arqueológicos, símbolos e objetos de civilizações antigas e de tradições religiosas atuais. Objetos que foram trazidos de casa pelos alunos/alunas, pequenas plaquetas e fita adesiva para identificar as peças em uma exposição.

A SOMBRA

Era um dia de junho;
disse a erva para a sombra do olmo:
“Você se desloca da direita para a esquerda
muitas vezes, perturbando minha tranquilidade”.

A sombra respondeu:
“Não sou eu, não sou eu.

Olhe para cima.
Há uma árvore que se move com o vento,
para o poente e para o oriente,
entre o Sol e a Terra”.

A erva olhou para cima
e viu a árvore, pela primeira vez.
E disse para si mesma:
“Puxa! É uma erva maior do que eu”.

E emudeceu.

Gibran, Khalil. *Para além das palavras*. São Paulo, Paulinas, 1995. p.185.



Promover a leitura do poema *A sombra*.

Pedir aos alunos e alunas que:

- destaquem os verbos; escrevê-los no quadro;
- procurem novos sujeitos, para o poema, mantendo os mesmos verbos.

Com as novas ideias e os novos sujeitos, reescrever o poema no quadro.

O novo poema deverá conduzir para a mesma conclusão do original: nem sempre percebemos a grandiosidade na qual estamos imersos.

Suscitar comentários que justifiquem o novo texto em relação ao original.

A ATIVIDADE RELIGIOSA FAZ PARTE DA CULTURA

Você percebeu como no 6º ano o seu conhecimento está sendo ampliado? A inteligência é algo fantástico! Podemos ver na cultura, na família e no meio ambiente os sinais de que estamos imersos na imensidão, como um peixe em relação ao mar.

Desde a última etapa da pré-história, por volta de 100 mil anos atrás, o *Homo sapiens* já refletia acerca de fenômenos intrigantes:

- os animais eram fortes e velozes;
- as aves voavam;
- as tempestades derrubavam árvores;
- os raios incendiavam florestas;
- o Sol “movia-se” pelo espaço sem cair;
- as plantas brotavam da terra.

Só as pessoas pareciam ter limites. Por isso pensavam que os elementos da natureza fossem poderosos espíritos do mundo transcendente.

Os clãs reservaram locais sagrados onde homenageavam os espíritos com danças, oferendas e pinturas nas paredes de rochas e grutas. Mais tarde, nas primeiras cidades, surgiram os templos em honra dos deuses.

OS IMPRESSIONANTES LOCAIS SAGRADOS

Alguns dos locais sagrados mais conhecidos são:

- os megálitos de Stonehenge, na Inglaterra;



Local sagrado dos espíritos. Floresta da Polinésia.

- as pirâmides do sol e da lua, no México;
- as pedras da ilha de Páscoa, no oceano Pacífico;
- as ruínas de Machu Picchu, no Peru;
- as ruínas do templo de Luxor, no Egito;
- as pirâmides dos faraós, no Egito, e outros.

No Brasil existem centenas de locais pré-históricos em grutas e rochedos, cujas pinturas rupestres provam a cultura religiosa de povos que viveram aqui milhares de anos antes de nós.



Misteriosas figuras da ilha de Páscoa, na costa do Chile.

Ler os textos: *A atividade religiosa faz parte da cultura e Os impressionantes locais sagrados.*

Deixar que os alunos e alunas comentem e conduzir o diálogo para a seguinte conclusão: a ação forma a cultura. Pode-se dizer que a experiência e a atividade religiosa são uma das origens da cultura, porque o mundo inteiro está repleto de sinais da ação religiosa desde as origens da humanidade.

Pedir aos alunos e alunas que citem sinais do fenômeno religioso na cultura atual.

Projetar ou expor as imagens de locais sagrados e suscitar comentários.

Por fim, montar a exposição dos objetos trazidos de casa e deixar que os alunos/alunas narrem os resultados das entrevistas feitas.

ATIVIDADE

Você pode participar da montagem da exposição com os símbolos e objetos religiosos que foram trazidos.

Pode escrever a identificação de cada peça: nome do objeto, tradição religiosa a que ele pertence, nome da pessoa que o emprestou.



CANÇÃO DA UNIDADE

É preciso dar as mãos
sentir-se como irmãos,
vencer o nosso desamor.

É preciso unir os dons
e reunir os sons,
pra se poder cantar o amor.

É preciso sermos luz
que gera e que conduz
a vida em todo o seu valor.

O amor é que ilumina
a estrada que nos conduz.

A planta sempre se inclina
pro lado que vem a luz.

Não importa a cor do ser,
nem a raça e nem poder,
pois todos somos tão iguais.
Procurando, a gente vai
chegar ao mesmo Pai,
que a todos ama sempre mais.

Mas importa sermos luz,
que gera e que conduz
a vida em todos os sinais.

José Acácio Santana – CD: *Notícias de vida* – Paulinas/COMEP

GRANDELANCE

Formar um grupo de música e canto para selecionar músicas do gosto de todos e animar as aulas, se possível com instrumentos.

1.4. O inexplicável sonho de Kathryn

OBJETIVO

Perceber que o anseio da busca pelo infinito está no interior de cada pessoa. Aproximar-se da linguagem simbólica e universal usada na mitologia.

SONHO DE PÁSSARO

Kathryn recordava-se de que, quando menina, era sonhadora, adorava ler e depois ficar imaginando países, gente estranha, paisagens encantadas. Adorava deitar-se na grama e observar o voo dos pássaros. Seguia-os a subir bem alto em curvas largas ou quedas súbitas e velozes. Imaginava-se voando, cortando os ares, querendo alcançar o azul do céu, ela, menina-pássaro.

Certa vez, aconteceu algo muito estranho: Kathryn acompanhava o voo de uma andorinha com toda a atenção. Tão profundamente se envolveu que, de repente, sentiu-se flutuando no ar; uma sensação de leveza tomou conta dela. Ela jamais esqueceu aquele momento de iluminação.

O tempo passou, Kathryn cresceu, estudou Física e dedicou-se à pesquisa. Quando abriram inscrição para o treinamento de mulheres astronautas, não hesitou, fez a sua. Pareceu que sempre esperara por isso. Foi aprovada e selecionada entre as primeiras e, finalmente, escolhida para a viagem no ônibus espacial.



Nada a desanimava, nem o rigor do treinamento, nem a rigidez dos horários ou a intensidade dos cursos a que devia assistir. Aprendeu a conviver com a falta de gravidade, com a dieta dos astronautas e com a aparelhagem dos foguetes e das cápsulas espaciais.

O tempo passou. Foi iniciada a contagem regressiva para a subida do *Space Shuttle Discovery*, o ônibus espacial. Kathryn e os outros astronautas concentraram-se. No horário previsto, o ônibus espacial se elevou, deixando um rastro de fogo.

No segundo dia, orbitando a Terra, Kathryn e seus companheiros foram os primeiros a andar no espaço sem estarem ligados por um cordão à nave-mãe. A astronauta, conduzida por uma Unidade de Manobra Tripu-

lada – mochila a jato –, mergulhou no espaço cósmico e flutuou na escuridão. A maravilhosa sensação de leveza que sentira na infância voltou a inundá-la com toda a intensidade. Ela fazia um voo livre no espaço cósmico, envolta por sua grandeza, a Terra azul a girar na imensidão do universo.

Kathryn soube, então, que os sonhos ardentemente sonhados se tornam realidade.

Góes, Lúcia Pimentel. *Memórias futuras, contos infanto-juvenis contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora Universitária da Universidade Federal Fluminense. 1987. p. 50.

PODEMOS CONSTRUIR O QUE DESEJAMOS

O sonho de Kathryn se realizou porque ela deu os passos necessários para a conquista daquilo que queria.

Há sonhos que não dependem da vontade de ninguém. O sonho chega durante a noite e povoa o nosso mundo. Às vezes é assustador, outras vezes é agradável.

Os textos sagrados das tradições religiosas e da mitologia às vezes falam de sonhos nos quais Deus conversa com uma pessoa. Outras vezes falam de sonhos possíveis e até impossíveis ou perigosos, como no mito de Ícaro, da Grécia antiga.

Na Bíblia, no Antigo Testamento, há a história de José, um rapaz hebreu que interpretou o sonho do faraó do Egito. (Mosaico do Batistério de São João, Florença).



O VOO DE ÍCARO

A mitologia grega conta a trágica experiência do garoto que sonhou o impossível: aproximar-se do sol.

O rei Minos, da ilha de Creta, contratou os serviços de Dédalo, um arquiteto de Atenas que construiu para ele um labirinto intransponível, onde o rei prendeu o Minotauro. Enquanto esteve no palácio, Dédalo ajudou a princesa Ariadne a fugir com Teseu, seu amado, o que provocou a ira do rei Minos contra o arquiteto. Como punição, Dédalo foi preso no labirinto, e seu filho Ícaro com ele.

O pai, sabendo que era impossível fugir do labirinto, trabalhou por longo tempo, e fez dois pares de asas com penas de pássaros coladas com cera. Um dia, instalou um dos pares em si e o outro no filho, e os dois voaram por sobre as paredes do labirinto.

O sábio Dédalo preveniu Ícaro de que não voasse alto demais, mas o menino, fascinado pela grande aventura, subiu tanto que o calor do sol derreteu a cera e ele caiu no mar. O pai, desesperado, aterrissou perto da Itália, em prantos por não ter conseguido salvar o filho.

Promover a leitura dos textos: *Sonho de pássaro*, *Podemos construir o que desejamos* e *O voo de Ícaro*.

Organizar duplas ou trios e desenvolver a atividade seguinte.

ATIVIDADE

É hora de exercitar um direito humano importantíssimo: o diálogo. Não vá perder essa chance!

Serão formados duplas ou trios, mas seria legal você não correr para perto de sua melhor amiga ou amigo, e sim aproximar-se de colegas que ainda não conhece o suficiente. Podem dialogar:

O que é mais legal na história de Kathryn?

O que mais chama atenção no mito grego de Ícaro?

O que os dois personagens têm a ver com nossa vida?

Após o diálogo sobre os textos e a vida dos alunos/alunas, formar um círculo e conversar a respeito de desejos, capacidade de sonhar, ilusões, perigos, linguagem simbólica e tudo aquilo que os textos inspirarem e for de interesse da turma.

Pedir aos alunos/alunas que citem sonhos que aparecem em narrativas sagradas por eles conhecidas.

Observar que os relatos míticos das culturas de todos os tempos são sempre atuais, porque falam de realidades humanas em linguagem simbólica.

GRANDELANCE

Conversar com os familiares sobre os sonhos deles para o seu futuro.

1.5. Nomes sagrados do ser supremo

OBJETIVO

Constatar a semelhança e a diversidade na compreensão do transcendente entre povos e culturas de todos os tempos e regiões da Terra.

MATERIAL

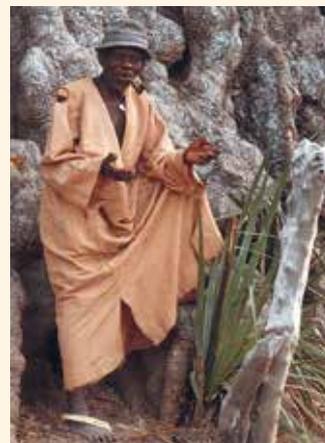
Mapa-múndi e mapa do Brasil, ilustrações ou imagens para projetar que mostrem diversas culturas, etnias e regiões do país. Folha grande de papel pardo afixada na parede para recorte, colagem, pintura e desenho.

As tradições religiosas escritas, isto é as que possuem livros sagrados, bem como as de cultura oral, reservam nomes exclusivos para o ser supremo no qual creem.

O NOME NAS NARRATIVAS SAGRADAS

Quando lá no alto o céu ainda não tinha nome
Nem cá embaixo o mundo era chamado por seu nome
Apsu, o primeiro, foi o progenitor.
Ele estava escondido nas grandes águas
Quando ninguém ainda tinha sido criado
Nem chamado pelo nome.
Foi então que Lahmu e Lahamu nasceram
E foram receber seus nomes.

Cântico de Akkad, mito da criação da Babilônia.



Sacerdote africano da tribo Felupe, da Guiné-Bissau. Está diante das raízes de uma árvore sagrada.

DIFERENTES MODOS DE CHAMAR

O texto que você acaba de conhecer foi escrito há mais de 5 mil anos, na Babilônia, hoje Iraque. É um mito de criação porque explica a origem dos seres humanos e dá um nome ao criador e aos primeiros seres criados.

As tradições religiosas escritas dão vários nomes ao deus supremo:

- Allah, para os muçulmanos;
- Adonai, para os judeus;
- Pai, Filho e Espírito Santo, para os cristãos;
- Brahma, no livro dos Vedas dos hindus;
- também Brahma para os budistas.

As tradições religiosas orais, como as indígenas e ciganas, conservam suas narrativas sagradas por meio do ensinamento dos adultos para as crianças. Os índios guaranis, por exemplo, chamam o deus criador de Maíra; já os kaingang o chamam Tupe, os tapuias o chamam Tupã, enquanto os kulina preferem chamá-lo de Sinukari. Para os ciganos ele é Duvel Barô.

Os africanos de cultura iorubá, trazidos ao Brasil na época da escravização, chamam o criador pelo nome de Olorum, enquanto os de origem bantu o chamam Nzambi ou Kalunga. Em outras regiões da África ele é invocado com o nome Mulungu. Já os japoneses xintoístas preferem chamá-lo Kami Samá.

As tradições religiosas acreditam e ensinam que o ser supremo é bondoso para com todos. Veja como é invocado no Islamismo:

- Ya Rahman – Ó Beneficente
- Ya Rahim – Ó Misericordioso
- Ya Sabur – Ó Paciente
- Ya Latif – Ó Sutil



Banca de gravuras religiosas na Índia.



Zoroastro, acompanhado do deus Ahura Mazda, que é representado pela águia.

Após a leitura dos textos *O nome nas narrativas sagradas* e *Diferentes modos de chamar*, propor alguns minutos de silêncio para que os alunos/alunas pensem: como se explica a diversidade nos nomes do ser transcendente, ou Deus?

Organizar duplas ou trios para que elaborem cada um sua hipótese.

Expor o mapa-múndi e mostrar as regiões em que nasceram as tradições religiosas mais conhecidas (Islamismo, Judaísmo e Cristianismo no Oriente Médio; Hinduísmo, tradição cigana e Budismo na Índia; o Xintoísmo no Japão).

Identificar no mapa a África, berço da tradição afro-brasileira.

No mapa do Brasil, mostrar a diversidade de nações indígenas.

Despertar os conhecimentos já adquiridos a respeito de diferenças regionais e concluir que os nomes de Deus refletem a cultura e a língua do local onde cada tradição religiosa se formou.

Por fim, desenvolver a sugestão do item *Atividade*.

ATIVIDADE

Os nomes que as pessoas dão para Deus expressam o que Deus significa para elas.

Após refletir e debater acerca dos nomes dados ao ser transcendente, você pode opinar no grupo a respeito da questão: se fôssemos convidados a dar um novo nome a Deus, como seria?

A seguir, seu grupo vai representar artisticamente o novo nome de Deus.

Organizar grupos e distribuir o material de recorte, pintura e colagem.

Pedir aos alunos/alunas que conversem acerca da questão acima e cheguem a um acordo.

O nome de Deus pode ser expresso em uma frase ou atributo, como: "Criador da diversidade", "Amigo da inclusão", "Inspirador do diálogo", "Criador das diferenças".

Fixar o papel pardo na parede e deixar que cada grupo componha uma parte do painel coletivo.

Por fim, escolher um título geral para o painel.

GRANDELANCE

Colecionar os nomes que as mais variadas tradições religiosas dão ao deus criador.

Criar um clube de colecionadores e trocar os nomes encontrados.